

MITO(?)LÓGICO!

Prefácio para um livro inédito da poeta Estrela Leminski

Estrela descende de uma linhagem pós-feminista com fortes traços matriarcais. Para sobreviver arrancou os testículos de seu pai e lançou-os ao mar. Não fizesse o que fez teria sido engolida por ele, como tantos outros irmãos bastardos. Mas segundo o oráculo somente aquela com a marca na testa poderia libertar seus companheiros de geração da maldição da influência do legado onipresente de seu pai - Chronos. E a forma que encontrou para tal façanha foi a música - duração no tempo.

Incorrigivelmente paronomástica, - considerando a paronomásia o elemento principal da função poética, segundo Jakobson -, Estrela abusa de rimas, aliterações, trocadilhos. "reverso o verso / refaço o traço / reciclo o ciclo / divirto o pão e o circo". À maneira dos trovadores occitanos do século XII, sua poesia é para ser cantada. *Trobar leu* na classificação provençal. Sentimental sem ser sentimentalista, suas canções de amor são a um só tempo simples e diretas, irônicas e melancólicas. "se tem curiosidade em tudo que faço / persiga meus dados / siga meus passos / leia meus recados". Incorporando procedimentos caros à arte pop, do Tropicalismo à poesia

marginal, ela aperfeiçoa e atualiza esses procedimentos como as enumerações e as inversões de sentido nas expressões populares. "de duas uma / de cada vez/ por todas". Trabalha ainda alargando por dentro os limites entre letra de música e poesia, entre alta e baixa cultura, entre o livro e o rádio. Esse trânsito livre da superfície à profundidade é realizado de uma forma tão hiperbólica que às vezes assusta. Sem avisar Estrela se lança em mergulhos profundos para voltar à flor d'água no instante seguinte. Afinal, ela bem sabe que depois de uma descida às profundezas convém sempre vir à tona, senão o ar acaba! "refazer o essencial / deter o comercial / retificar o final / verter suor e sal / ainda falta quanto para orientar o carnaval?".

Ouçá o disco

Num momento em que a poesia continua ainda dividida entre "institucionalizadas marginalidades plácidas e escoteiros orfeônicos", Estrela insurge no horizonte improvável com um conjunto de canções para serem lidas e ouvidas por quem tiver ouvidos para ver.

Neste novo trabalho - não se engane, se você chegar o

ouvido mais próximo da página vai perceber que se trata de música - com arranjos sofisticados e produção impecável, a hajibin Estrela mostra sua pegada rock'n roll embasada na filosofia punk do faça-você-mesmo. Exímia baterista, a poeta gosta de quebrar o ritmo das palavras com levadas truncadas que às vezes flertam com o drun'bass, às vezes o frevo. Ouça por exemplo o poema em treze por sete da página dezesseis "mesmo sabendo que", onde a ambientação sonora começa no farfalhar das folhas.

Aos que não possuem surround é aconselhável ouvir no fone de ouvido. Duvido que de outra forma se perceba o balanço, a automação, a dança das palavras no espaço. Música concreta.

Com pegada firme e delicada, Estrela joga nas onze: escreve, produz, compõe, divulga, distribui, ensina e toca simultaneamente, tudo com a mesma intensidade e com competência de especialista. É a não-especialista mais especializada que conheço. Não por acaso leva às últimas consequências a idéia-conceito de Contra Indústria desenvolvida por ela própria. "se auto-consumo-me eu /

meu se auto-consumo-/ eu se auto-consumo-me”

Depois é que são elas!

Sorte de iniciante? Inércia genética? Certo, não é mesmo aconselhável acreditar em poetas com menos de 25 anos. Mas quem desdenhou o primeiro trabalho publicado de Estrela tem agora a chance de se retratar. Os anos se passaram e ela levou adiante o terrível hábito de pagar as contas com poesia e música. Enquanto isso a família vai crescendo e a responsabilidades

aumentando. Não dá mais dá mais para ignorar o fato de que a garota invocada virou mulher. Continua invocada, é vero, mas agora, mãe de família, a brincadeira é séria, mas sem perder a doçura. “minha poesia é marginal e por isso vê o centro”.

Junkie polaca, a curitibana veio a Minas - esse estado de sítio - no rastro de seu pai (e

de sua mãe) e nunca mais voltou a mesma. Do hai kai partiu para os contos com a mesma concisão cirúrgica. Cut-ups hipertextuais. Scraps metalingüísticos. Tudo entra no seu universo de referências analógico-digitais.

Sinal de amadurecimento é quando seus pais se tornam seus interlocutores. Você não quer mais imitá-los como na infância, nem negá-los como na adolescência. Você agora dialoga com eles. E atira ao mar, se necessário!

Prefácio

Eu sempre desconfie que prefácio tinha alguma coisa a ver com oráculo: através dele você fica sabendo o que vai acontecer depois. Por isso eu gosto de ler os livros de trás pra frente. Aí você percebe que o que foi dito no prefácio só poderia ter sido dito por alguém que leu o livro antes de qualquer prefácio, já que

não existia um *a priori*. O que quero dizer é que todo prefácio na verdade é um posfácio e vem daí sua função oracular dentro de nossa linearidade lógica ocidental. Posso portanto me valer de minha condição prefática e prever seu sorriso sarcástico de canto de boca na página vinte e dois. Posso prever também sua identificação imediata com “mesmo sendo uma folha”. E no final eu vejo uma grande alegria misturada com tristeza, satisfação e ansiedade. Nesse momento você vai sentir a necessidade de recomendar Estrela aos seus amigos, pais, professores; vai cantar suas canções no trânsito e ler seus contos à noite para os pequenos antes de dormirem. E o livro vai crescendo como um bebê dentro da barriga da mãe até o dia em que vai sair andando sozinho pelo planeta. Nessa época ele não vai mais precisar de prefácio nem de previsões, vai determinar por si o próprio seu destino!